

POR QUE?

Bernadete Zagonel

(Publicado no Jornal Gazeta do Povo, Paraná, em 03/01/91)

DIÁLOGO NUMERO 1

“- Alô, tudo bem? Estou lhe ligando pra dizer que não poderei ir ao nosso encontro amanhã.

- Ah, não? Por que?

- Pois é, surgiu na última hora um problema, Vou ter que fazer um trabalho com um amigo.

- Com quem?

- Um colega da faculdade.

- Eu concheço?

- Acho que não. É algum namoradinho?

- Ora, já disse que é só um colega de classe.

- Então tá, mas depois me conte como foi, ok?

- Está bem, até amanhã. Tchau!

Í

DIÁLOGO NÚMERO 2

“- Alô, tudo bem? Estou lhe ligando pra dizer que não poderei ir ao nosso encontro amanhã.

- Puxa, que pena. Mas não tem importância, fica para uma próxima vez.

- Pois é, você me desculpe. Volto então a ligar, para marcarmos novamente.

- Esta bem. Tchau!”

Tentei reproduzir aí dois tipos de diálogo tratando do mesmo assunto banal, mas por pessoas de mentalidade diferente: um se passa entre duas amigas brasileiras, outro entre francesas. Dá para adivinhar quem é quem?

Acertou: o número 1 é das brasileiras, o 2º das francesas. A primeira diferença, se você bem notou, está no emprego do “por que?”

É mania de brasileiro perguntar sempre o porquê aos outros. E isso já está tão enraizado em nossa cultura que mesmo antes da pessoa perguntar a razão, a gente já vai explicando. Muitas vezes até preparamos uma desculpa para dar quando não queremos contar a verdadeira razão de nossos atos, não é?

Mas como se não bastasse perguntar o por quê, ainda besbilhotamos sobre os detalhes da vida íntima do outro. Nossa curiosidade nos estimula a querer saber também com quem, onde, como, etc., etc. Enfim, seja por curiosidade ou por um interesse amigo, precisamos estar a par de todos os acontecimentos, mesmo quando eles não nos concernem.

E assim mesmo: o brasileiro tem o hábito de invadir a vida dos amigos (as vezes mesmo dos que ainda não o são), sem pedir licença. Chegar à casa de alguém sem avisar é comum, levar dois ou três amigos consigo numa festa sem prevenir o dono da casa também. Pedir favor, é conosco mesmo. E ai daquele que diz não! Cai logo na maledicência...

É uma maneira calorosa e espontânea de ser, que muitas vezes acaba incomodando (basta ver o “buchicho” que certas situações desse tipo engendram...). Mas continuemos assim, é nosso jeito de ser.

Aqui a coisa é diferente. O respeito pela individualidade do outro é muito grande. Ninguém quer ser invadido, e por isso não invade. Nunca uma amiga francesa perguntará a razão de um compromisso anulado, e muito menos colocará outras questões sobre o assunto.

Telefonar para alguém depois das dez horas da noite, só se for combinado antes. Chegar de surpresa na casa de um amigo, é até uma gafe: não se faz. Levar alguém que não foi convidado a um jantar, nem pensar!

Da mesma maneira, não se fazem perguntas de maior intimidade a ninguém. E se o fizermos, estaremos arriscando receber a resposta do tipo: “isto não lhe concerne”!, o que impedirá, suponho, uma segunda tentativa.

E assim vamos levando, nós de um jeito, eles de outro. Enquanto não se consegue uma média entre os dois, que cada qual que continue na sua...